

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Paquete”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, p. 229. ISBN: 972-774-133-9.

Paquete.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Ajuda da freguesia, Criado andante, Criado de porta, Moço das compras, Moço de fretes, Moço de porta, Moço de recados, Moço do monte, Rapaz da porta, Rapaz dos mandados.

No grupo dos trabalhadores fixos das grandes casas agrícolas, o *Paquete* tinha a função de fazer a ligação entre o monte, ou sede da casa agrícola, e o centro urbano mais próximo. Na falta de telefones e de bons caminhos para a passagem de carros (de tracção animal ou outros), sobretudo no inverno com a lama, este **Criado*** deslocava-se a pé na maior parte das vezes para levar e trazer correio, papéis importantes, recados vários e pequenas compras para consumo eventual (pois a alimentação diária era proporcionada pelos produtos da própria lavoura). No fundo era um empregado para todo o serviço mais leve. Podia ser um jovem que ainda não tinha capacidade para o trabalho duro do campo, ou um velho, que já a tinha perdido.

Silva Picão descreve-o como a última personagem da lista do pessoal de uma “lavoura bem montada” (Picão, Elvas, 1903). Para este autor, o pacote é o *Rapaz dos mandados* que auxilia o cozinheiro e “que se ocupa em ir aviar encomendas às localidades e em conduzir o leite das cabras para o monte, se o bardo fica perto. Também se lhe incumbe o acarreto da água para os gastos caseiros...”.

A classificação mais antiga que se encontrou foi a de *Moço das Compras* no século XVI na Casa de Bragança em Vila Viçosa (*Mercês*, 1583). Em 1720 o Ról de Moradores de Évora (Arcebispado) inclui a categoria de *Criado andante*. Também no século XVIII o pacote podia ter a designação de *Moço de fretes* (gravuras do Museu da Cidade de Lisboa). Esta classificação ainda está presente no século XX no recenseamento geral da população (INE, 1960), assim como o *Moço de Recados* (INE, 1940).

Algumas das casas agrícolas estudadas apresentam outras versões do mesmo Criado. Por exemplo, no seu diário escrito na segunda metade do século XIX, João Parreira Cortez (de Serpa) apresenta o *Moço do Monte* no lugar mais baixo da hierarquia dos trabalhadores fixos da lavoura: “Sentindo quão péssimo é o todo dos empregados na Lobata, principiando na cavalgadura do feitor até ao moço do Monte...” (*Senhores da Terra...*, 1982). Lopes de Azevedo (Avis), entre 1915 e 1919, escreveu nos seus livros as categorias de *Ajuda da freguezia*, *Criado da Porta* e *Rapaz da Porta*. Na lista de doentes do Hospital da Misericórdia de Avis também se encontra o *Criado de Porta* e o *Moço de porta* (1935-1944).